Agroecologia, Cultura e Saberes Tradicionais no Território Velho Chico



Ricardo Santos do Carmo Reis
Bibliotecário-Documentalista
CRB – 5ª / 1649

A281

Agroecologia, cultura e saberes tradicionais no Território Velho Chico/
Organização Moisés Leal Morais, Heron Ferreira Souza. - Serrinha, Ba:
[s. n.], 2019.
43 p.; il.: color.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-991117-3-0

1. Agroecologia. 2. Educação do campo. 3. Saberes tradicionais. I. Morais, Moisés Leal (Org.). II. Souza, Heron Ferreira (Org.).

CDU: 37(1-22)

Ficha Técnica

Texto:

Andreciane Calçada de Oliveira
Bianca Stephanie Paranhos da Silva Ramos
Davi Silva Costa
Eduarda Santos de Sena
Felipe Nonato Santos
Heron Ferreira de Souza
José Augusto de Souza Santos
Moisés Leal Morais
Valéria Pôrto dos Santos

Diagramação:

Crislaine Araújo Santos

Fotos:

Equipe Lapprudes
Iaçanan Carneiro
Maria Aparecida V. Santiago

Ilustrações:

Samuel Leal Morais

Revisão:

Lécia de Almeida Pena Silva

Agradecimentos

A produção desta publicação é fruto da confluência de esforços dedicados por diversos sujeitos. Por isso, gostaríamos de registrar aqui nossos agradecimentos ao apoio da Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal Baiano, assim como para a Coordenação de Extensão e Direção Geral do IF Baiano *Campus* Serrinha.

À Anadeje França, seu estimulo e solicitude foi importante para a formulação e encaminhamento do projeto de extensão do qual resultou este trabalho.

À Luiz Cruz pela condução da equipe do projeto de extensão no traslado Serrinha-Paratinga, na ocasião da participação no I Encontro de Agroecologia, Cultura e Saberes da EFASF e à Elisabete Teixeira pelo generoso suporte durante este Encontro.

Às bolsistas do projeto de extensão Andreciane Calçada e Eduarda Sena, e à Iaçanan Carneiro pelos registros fotográficos.

À Maria Aparecida Santiago pela coleta dos relatos de memória e disponibilização de imagens, além da imprescindível contribuição, ao lado de Édino Lima, para a construção e realização do I Encontro de Agroecologia, Cultura e Saberes da EFASF.

À Bianca Paranhos, Fabiana Maranha, Valéria Porto, Felipe Santos e Leis Silva, estudantes egressos do *Campus* do IF Baiano em Bom Jesus da Lapa, e Ronaldo Barbosa e Lucas de Araujo, estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) de IBotirama (BA), pela realização de oficinas importantes que envolveram estudantes da EFASF de Paratinga e membros da comunidade externa.

À Antonio Luis Bertunes, Laurindo Ferreira Santiago, Vagnaldo Silva e Zelma Souza pelos importantes relatos de memória que foram concedidos.

Aos grupos de dança e de capoeira do Quilombo do Tomba, em Paratinga (BA); Às artesãs, pela exposição de belíssimos trabalhos; Aos músicos Cleber Eduão e Fernando Tourinho; aos poetas Josemário Fernandes, Manoel Barreto, Micaely Suares e Vanessa Santos pela participação de vocês no I Encontro de Agroecologia, Cultura e Saberes da EFASF e a disponibilização de textos poéticos que estão presentes nesta publicação, oferecendo verdadeiros testemunhos da vitalidade criadora, da diversidade cultural e da vida pulsante existente no Território Velho Chico.

Por fim, aos docentes, estudantes e a coordenação da EFASF em Paratinga pelo inspirador trabalho em Educação do Campo que vem sendo realizado.

Apresentação

Esta publicação surge como desdobramento do projeto de extensão “O Sertão vai virar arte, re-encontro e diálogos: construindo versos, estórias e telas sobre conhecimentos tradicionais do Velho Chico”, contemplado no edital 02/2017, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão do Instituto Federal Baiano de Educação, Ciência e Tecnologia (IFBAIANO).

O projeto também contou com o apoio imprescindível da coordenação da Escola Família Agrícola do São Francisco (EFASF), objetivando envolver os estudantes, vinculados ao PRONERA – IF Baiano *Campus* Serrinha, da EFASF, em Paratinga (BA), agricultores (as) familiares e povos do campo, para dialogarem acerca de saberes tradicionais e científicos no que tange a convivência com o semiárido, o Rio São Francisco e formas de viver e produzir no campo.

Nesse sentido, a realização do I Encontro de Agroecologia, Cultura e Saberes da EFASF, possibilitou a construção de troca de conhecimentos entre estudantes, educadores, agricultores familiares e a juventude rural, através da realização de oficinas, rodas de conversas e apresentações artísticas de grupos culturais do Território Velho Chico.

Esse encontro permitiu vislumbrar e reunir uma série de informações relacionadas com as práticas culturais, saberes tradicionais e modos de vida em comunidades camponesas, no passado e no presente, a partir de uma memória do trabalho ou de expressões poéticas em que emergem percepções sobre a paisagem, o mundo do trabalho, a diversidade e as identidades no Território Velho Chico.

Em suma, este trabalho tem a finalidade de apresentar as informações obtidas com esse projeto de extensão e que doravante poderá ser amplamente utilizadas para fins educacionais. Para tanto, está sendo disponibilizada nos formatos impresso e digital para que se torne acessível a todos que se interessam na convergência entre Educação do Campo, saberes tradicionais e científicos, Agroecologia e convivência com o semiárido.

Sumário

Capitulo 1 - Território Velho Chico 7

Formação sócio-histórica e povos originários 7
Povos Indígenas 9
Comunidades Remanescentes de Quilombos 10
Ribeirinhos 12
Fundos de Pasto 13
Acesso à terra 14
Imaginário simbólico dos povos das águas 15
Transposição do Rio São Francisco 16

Capitulo 2 - Da agricultura à Agroecologia: pensando os saberes e práticas tradicionais 18

Memória do trabalho e culturas agrícolas locais 18
Mutirões 21
Agroecologia e Convivência/Resistência com/no semiárido 24
Agroecologia, tecnologia e saberes tradicionais 27
Estudos, práticas e (des) envolvimento da apicultura no Território Velho Chico 28
Mulheres Quilombolas e Agroecologia 31

Capitulo 3 - Território, identidades, culturas e diversidades 33

Território e identidade 33
Poesias 35

Referências 46

TERRITÓRIO VELHO CHICO

Formação sócio-histórica e povos originários

Dar nome a um território é fruto da tentativa de exercer dominação sobre ele. Nomear as coisas e os lugares é um exercício de poder (GRAÇA FILHO, 2009).

O território que atualmente se chama Velho Chico, nem sempre foi identificado assim. Sertão, Alto São Francisco, Baixo São Francisco, Médio São Francisco são algumas das expressões cunhadas para designar territórios distantes do litoral ou que margeiam o rio que indígenas chamavam de Opará (o rio que vai dar no mar), e que, catolicamente, foi batizado de São Francisco pelo colonizador português.

Sobre a etimologia da palavra sertão

"Desde o século XIV, os portugueses empregam a palavra "sertão ou "certão" para referir-se a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa, e a partir do século XV, usavam-na para nomear espaços vastos, interiores situados dentro de possessões recém conquistadas ou próximos a elas, sobre os quais pouco ou nada sabiam. "Sertão" ou "certão" seria uma deformação da palavra "desertão", ou proviria do latim clássico serere, sertanum (trançado, entrelaçado, embrulhado), desertum (lugar desconhecido para onde foi o desertor)." (Pg. 43)

Fonte: SANTOS, Solon Natalício Araujo dos. A ocupação do sertão das Jacobinas. In SANTOS, Fabricio Lyrio (Org). Os índios na história da Bahia. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. (pag.43)

A partir de 2007, o espaço integrado por dezesseis municípios baianos que margeiam o Rio São Francisco passou a ser denominado Território Velho Chico. Mas a sua ocupação se confunde com a própria dinâmica do povoamento do Brasil antes e depois do processo de colonização portuguesa.

A partir do século XVI, áreas outrora povoadas por etnias indígenas passaram a ser cobiçadas e ocupadas pelo colonizador português com o objetivo de explorar economicamente o território através da criação de gado, uma vez que as terras no litoral estavam reservadas para a monocultura da cana de açúcar.

Posteriormente, a descoberta de minas de ouro no Alto São Francisco, no final do século XVII, influenciou a ampliação de núcleos populacionais entre o Rio Paraguaçu e o Rio São Francisco, por onde se desenhava a rota do comércio de gado e o percurso para chegar até minas auríferas.

Você sabe quais são os municípios que fazem parte do Território Velho Chico?

Integram o território Velho Chico os municípios de Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Cariranha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquém do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato. Dados recentes sintetizados sobre esse Território podem ser acessados através da publicação Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia (Volume 3). Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2000&Itemid=284

(consultado em 24 de maio 2018).

A presença de povos tradicionais ao longo do Território Velho Chico é uma evidência dos elos que ligam o tempo presente com o passado. Comunidades Indígenas, Quilombolas, Fundo de Pasto e Ribeirinhas estampam uma diversidade de saberes tradicionais desenvolvidos por culturas ancestrais.

Povos Indígenas

Os indígenas são povos originários que ocupavam, antes da colonização portuguesa, o Território atualmente denominado Velho Chico. Essa colonização empreendeu ações com o objetivo de ocupar terras para atividades econômicas, como o cultivo da cana de açúcar, pecuária e mineração. Para alcançar esse objetivo, os colonizadores recorreram ao uso da violência para expulsar etnias indígenas ou submetê-las ao trabalho escravo.

Essa ação do colonizador encontrou resistências dos indígenas. Exemplo disso se deu onde hoje está situado o município de Cariranha. Os Caiapós que lá viviam e ocupavam toda a extensão da Serra do Ramalho, desenvolveram uma demorada guerra contra as investidas lideradas pelo bandeirante Manuel Nunes Viana (IBGEa, 1958).

Atualmente, no Território Velho Chico estão presentes cinco etnias indígenas: Atikúm, Kiriri, Pankaru, Pataxó e Tuxá. A permanência dessas cinco etnias ao longo dos municípios de Ibotirama, Muquém do São Francisco e Serra do Ramalho reflete a resistência construída frente ao processo civilizatório europeu que visava aniquilar suas identidades.

Quer saber mais sobre cultura, história, demografia e território de povos indígenas da Bahia e do Brasil?
Acesse o site
https://pib.socioambiental.org .



Comunidades Remanescentes de Quilombos

No Território Velho Chico estão certificadas, desde 2004, quarenta e duas Comunidades Remanescentes de Quilombos. Estas se encontram distribuídas ao longo dos municípios de Barra, Brotas de Macaúbas, Bom Jesus da Lapa, Cariranha, Malhada, Moquém do São Francisco, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato (FUNDAÇÂO PALMARES, 2018).

A formação de muitas dessas comunidades está relacionada a territórios ancestrais povoados pela população negra escravizada egressa das fazendas de criação de gado e do trabalho nas minas (SEI, 2018).

Vale ressaltar que muitos dos povos escravizados trazidos da África conheciam técnicas e tecnologias ligadas ao cultivo da cana de açúcar, pecuária e mineração, as quais o colonizador português não dominava (CUNHA JÚNIOR, 2009). Há referências de que africanos escravizados foram conduzidos para a Povoação de São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande do Sul, atual município de Barra, cuja prosperidade da lavoura e da criação dependia dos seus saberes (IBGEa, 1958).

Em grande medida, diversos saberes tradicionais identificados ainda hoje no Território Velho Chico correspondem a um importante legado de povos indígenas e africanos que contribuíram para a formação social e econômica do Brasil.

Técnicas e Tecnologias africanas transplantadas para o Brasil

"As agriculturas tropicais tiveram grande desenvolvimento na África antes do século 16. Culturas como cana de açúcar, banana, café, algodão, arroz e amendoim eram bastante desenvolvidas em regiões africanas. Como também produtos como açúcar e tecidos. A tecelagem africana era exportada para a Europa no século 17, de países como o Congo.

(...)

O acervo de conhecimentos que possibilitou a empresa de produção colonial portuguesa no Brasil é majoritariamente africano. Embora muitas culturas coloniais sejam pensadas de forma errada como portuguesas, a exemplo da cultura do couro e do gado (...).

Os ciclos econômicos da Formação Histórica do Brasil estão intimamente ligados aos conhecimentos técnicos e tecnológicos da história africana.

(...)

Os principais ciclos econômicos da nossa história são: extrativista de produtos tropicais, da cana e do açúcar, da mineração de ouro, do algodão e do café. Existem ciclos outros de importância relativa menor e existem áreas econômicas que não constituem um ciclo, mas têm importância econômica como é o caso da pesca, onde temos conhecimento africano nas embarcações e nas técnicas de pesca."

Fonte: CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologias africanas no Brasil. Rio de janeiro: CEAP, 2010 (Pg. 11-13; 15 e 21).

Muitos dos núcleos de povoamento que, posteriormente, constituíram-se em municípios que atualmente integram o Território Velho Chico, abrigam inúmeras comunidades ribeirinhas localizadas ao longo do curso do Rio São Francisco (SEI. 2018).

Essas comunidades são detentoras de vastos conhecimentos tradicionais, muitos destes ligados à pesca artesanal. Trata-se de saberes legados por povos indígenas e africanos e que estão relacionados desde a técnica para construir equipamentos de navegação e de pesca, até conhecimentos complexos sobre as espécies biológicas existentes no Rio (CUNHA JÚNIOR, 2009; SANTOS & SANTOS, 2017).

No entanto, a degradação que o Rio São Francisco vem sofrendo tem trazido consequências extremamente negativas e que afetam diretamente as comunidades ribeirinhas. Esse processo tem comprometido a vitalidade da pesca artesanal e a qualidade da água, trazendo, ao mesmo tempo, riscos à saúde e à segurança alimentar.

Principais sintomas e causas da degradação do Rio São Francisco

Sintomas:	Causas:
Diminuição da Vazão (Falta de Água)	• Desmatamento • Exploração dos mananciais.
Poluição da Água	• Falta de saneamento básico • Agrotóxicos • Poluentes inorgânicos provenientes da extração e beneficiamento de minérios.
Erosão e Assoreamento	• Desmatamento • Supressão da mata ciliar ao longo do rio
Diminuição da quantidade de peixes.	• Poluição proveniente dos 3 fontes mencionados • Barragens hidroelétricas: interrompem o ciclo migratório de varias espécies de peixes e impedem a inundação das lagoas marginais, berçários da vida aquática do rio.

Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Velho Chico. 2ª edição. Bahia, Novembro de 2010 (Pg.67). Disponível em http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio102.pdf[Acesso em 20 mai 2018].

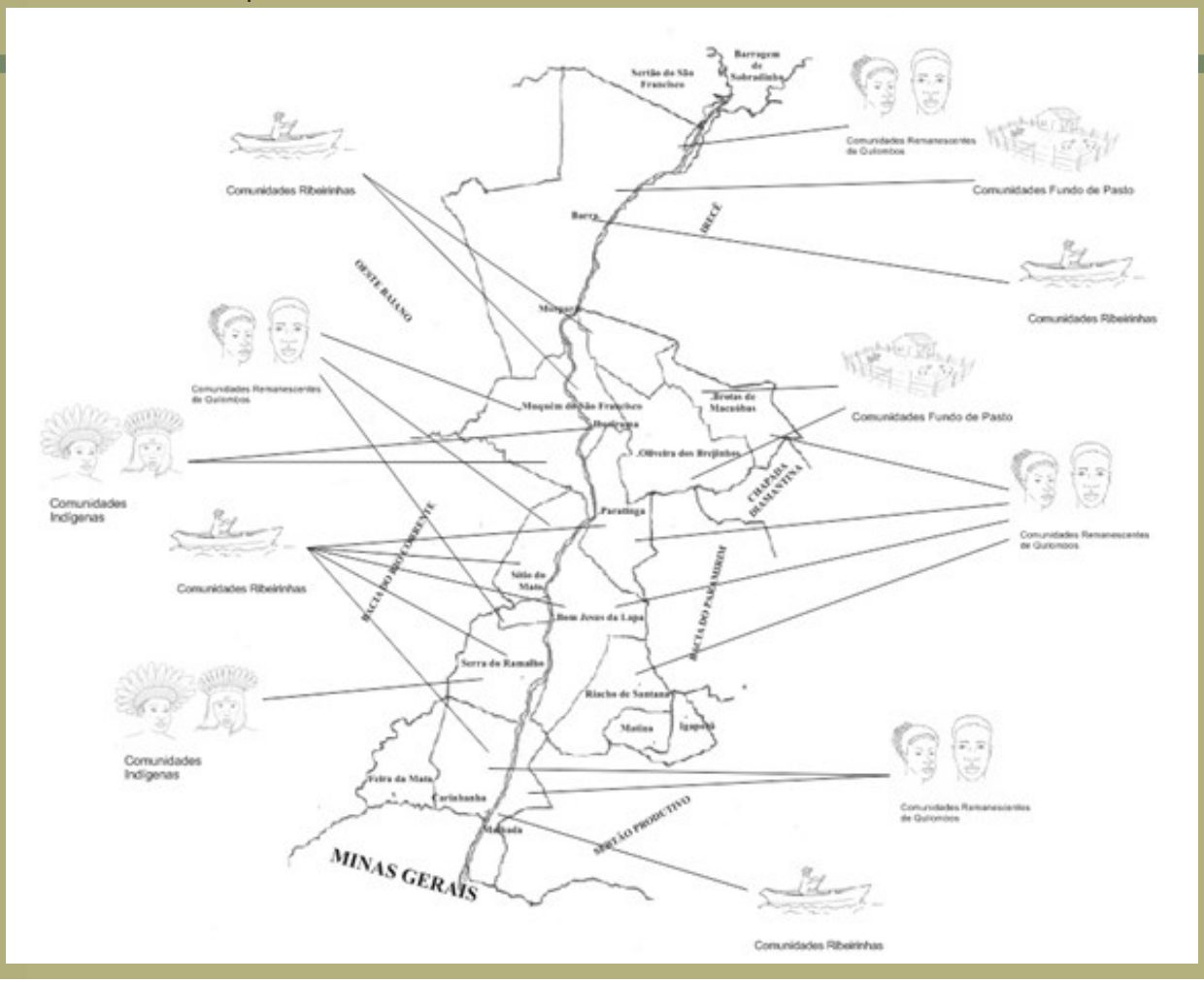
Fundos de Pasto

O surgimento das Comunidades de Fundo de Pasto reflete o modelo de ocupação do interior do território desenvolvido pelo processo de colonização portuguesa que destinava áreas extensas para a pecuária. Com o declínio da atividade açucareira no litoral, no final do século XVIII, a atividade pecuarista instalada no interior do território também definhou. Diante disso, desenvolveram-se núcleos populacionais que passaram a ocupar e fazer o uso coletivo das terras, antes destinadas para a criação extensiva de gado.

Cabe destacar que essa forma de ocupação só recentemente passou a ser denominada “Fundo de Pasto”. Anteriormente, chamava-se “Terras soltas”e que, ao longo do tempo, não esteve imune aos conflitos de terra que a estrutura agrária brasileira enseja. Esse dilema persiste diante do processo de expansão da fronteira agrícola (ALCÂNTARA & GERMANI, 2009).

No Território Velho Chico há 15 comunidades de Fundos de Pasto situadas nos municípios de Barra, Brotas de Macaúbas e Oliveira dos Brejinhos. Verifica-se entre seus moradores certo grau de parentesco e o predomínio do uso comum das áreas de caatinga para o pastoreio extensivo ou semiextensivo de caprinos e ovinos, e, em menor proporção, para o cultivo de lavoura de subsistência (MDA, 2010; SEI, 2018).

Mapa 1 - Comunidades Tradicionais no Território Velho Chico

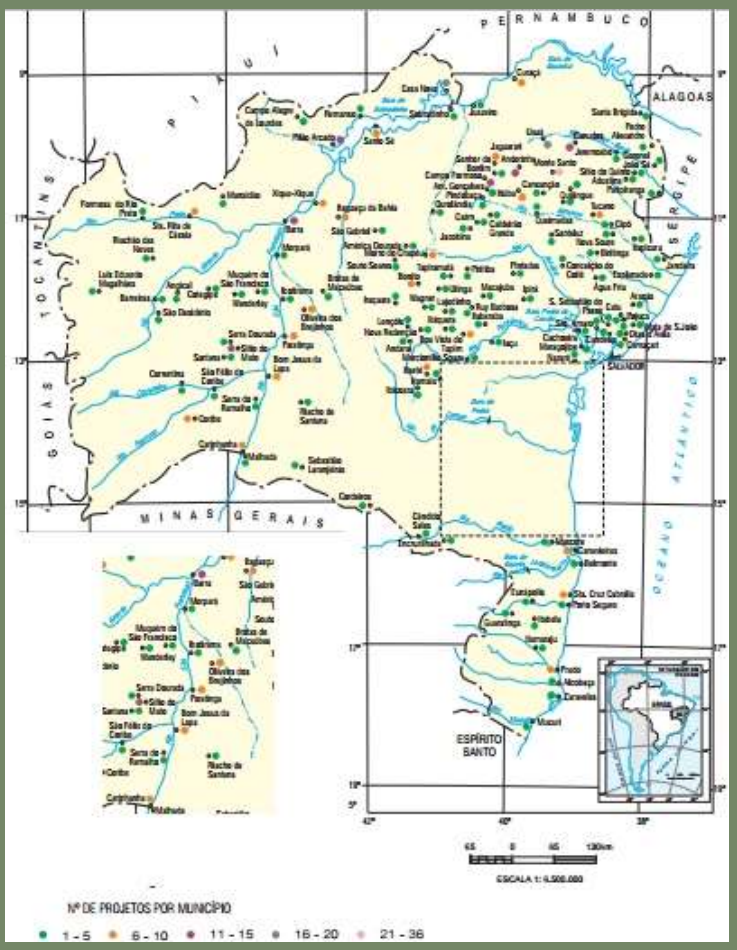


Acesso à terra

O desenvolvimento da colonização portuguesa no Brasil optou pelo latifúndio, monocultura e o uso de mão de obra escravizada. Tal opção até hoje traz como consequência uma profunda concentração da terra. No espaço em que atualmente corresponde ao Território Velho Chico essa dinâmica se reproduziu. Povos indígenas foram expulsos de suas terras para que nelas fossem desenvolvidas atividades econômicas que atendessem aos interesses portugueses. A construção de Barragens e a instalação de grandes empreendimentos agrícolas, mais recentemente, têm contribuído para reforçar a concentração da propriedade da terra no Território Velho Chico. Por consequência, ampliam-se as desigualdades sociais e o número de agricultores sem terra para cultivar.

Dados de 2006 indicam que, entre os dezesseis municípios que compõe o Território Velho Chico, nove apresentam um grau de concentração de "forte a muito forte" no quesito concentração fundiária, destacando-se os municípios de Barra, Muquém do São Francisco e Malhada (SOUZA & RAMOS, 2010; RIBEIRO & OLIVEIRA, 2015). Esse Panorama tem proporcionado reivindicações por acesso a terra e a formação de assentamentos de reforma agrária.

Mapa 2 - Projetos de assentamentos e reforma agrária (2017)



Fonte: SEI - SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Anuário Estatístico da Bahia. Salvador: Publicações SEI, 2017.

Imaginário simbólico dos povos das águas

A relação das comunidades ribeirinhas, ou “beiradeiras”, com o Rio São Francisco é povoada por um imaginário simbólico constituído por uma cosmovisão forjada pelo pensamento mítico e religioso. O catolicismo chegou com colonizador português e foi dirigido para catequização de povos indígenas e da população negra escravizada. Essa matriz religiosa influenciou na construção de hábitos ritualísticos relacionados ao Rio São Francisco. Fé e religiosidade dão conteúdos às procissões fluviais ou orações de gratidão feitas por pescadores e lavadeiras antes de iniciarem as atividades do seu ofício. O rio é enxergado, simbolicamente, como um presente divino, um pai ou mãe que fornece o sustento dos ribeirinhos (SOUZA & RAMOS, 2010).

Há registros da década de 1950 sobre a realização de um rito tradicional, em Cariranha, durante períodos de secas prolongadas. Reuniam-se mulheres e crianças que se dirigiam até o rio com latas, baldes e jarras para coletarem água que em seguida era despejada aos pés de um cruzeiro, ao tempo que entoava canto ao São Rafael. O Negro D'água e as carrancas também são personagens icônicos do imaginário simbólico que se perpetuam no Velho Chico, através da oralidade e do enlace entre memória e identidade, emergindo no artesanato, nos causos, nas canções populares e nas poesias.

Descrição de Ritual contra a Seca, em Cariranha (BA), na década de 1950

”Carinhanha tem, outrossim, o seu rito tradicional, que somente é observado por ocasião das secas prolongadas e se desenrola da seguinte maneira: reúnem-se mulheres e crianças em número nunca inferior a 30, e munidas de latas, baldes, e jarros, vão ao rio, apanham água e vão despejá-la aos pés do "cruzeiro", entoando o bendito de São Rafael, cuja letra é a seguinte:

São Rafael, que morreu
La na serra,
Pedi a Nosso Senhor
Que nos dê chuva na terra. (Bis)
Chuva, na terra,
Por esmola ...
Dai-nos pão,
Que nos consola.

Molhado o cruzeiro, munem-se todos de garrafa ou litro de vidro branco cheio de água, põem-no à cabeça e vão a um local, situado a nunca menos de seis quilômetros, trocar um santo, com a condição essencial de ser devolvido somente depois das chuvas.“

Fonte: IBGEa, Enciclopédia dos municípios brasileiros. IBGE, volume XX. Rio de Janeiro, 1958.

Transposição do Rio São Francisco

Remonta ao século XIX, quando o Brasil ainda vivia um regime monárquico, as primeiras propostas de transposição das águas do Rio São Francisco, enquanto medida indicada para enfrentar os dilemas apresentados nos períodos de estiagem.

Inúmeros Governos durante o século XX também aventaram a possibilidade de realizarem esse projeto. Porém, somente em 2007, durante o Governo Lula, foram iniciadas as primeiras obras de transposição, apesar da enorme polêmica que essa ação mobilizou.

A crítica principal partia do entendimento de que uma obra dessa proporção traria impactos ambientais graves para um Rio bastante degradado e geraria benefícios para uma parte limitada da população. Soluções para permitir o acesso à água poderiam ser alcançadas com medidas alternativas e que exigiriam um custo bem menor (HENKES, 2014).


IMAGEM INTERNET

Transposição, a hora da verdade

”Há uma certa euforia a respeito da reta final da Transposição de águas do São Francisco para o chamado Nordeste Setentrional. (...) Nós aqui às margens do São Francisco, que somos obrigados a olhar a floresta e não só a árvore, mantemos nosso olhar crítico sobre essa obra.

Em primeiro, a água ainda não transpôs o divisor e não chegou aos estados do Setentrional, mas permanece nas barragens do Pernambuco. Houve vazamento na barragem de Sertânia e o município foi obrigado a remover 60 famílias atingidas pelo vazamento. Houve morte de pequenos animais e destruição de bens familiares.

Segundo, permanecem as encruzilhadas da obra que sempre chamamos a atenção: essa água transposta será para o povo necessitado dos estados receptores ou para o agro-hidronegócio e indústria? (...) Essa é a primeira diferença entre o projeto de várias adutoras – que defendíamos – e a mega obra da Transposição. Se a opção fosse pelas primeiras, a água já teria ido direto – por tubulação simples – para os serviços municipais de água e estariam dispensados os grandes canais. A opção foi pela grande obra. (...)

Por último, Lula-Dilma diziam que iriam fazer a revitalização do São Francisco simultaneamente à grande obra da Transposição. O único investimento que deu resultado foi o saneamento, embora ainda inconcluso e desperdiçando obras iniciadas como as estações de tratamento de Pilão Arcado e as adutoras em Remanso. Aqui em Juazeiro o saneamento avançou.

Essa iniciativa é positiva, mas insuficiente. Sem atacar as causas de destruição do São Francisco, que abrange toda sua bacia, mas principalmente a devastação do Cerrado, não haverá São Francisco em breve tempo. Hoje, o São Francisco está com uma vazão de 750 m3/s, quando nos garantiam que a partir de Sobradinho sempre seria de 1800 m3/s. Portanto, hoje o volume de água é 1/3 do que os técnicos previam para garantir a água da Transposição.

Sobradinho – a caixa d'água que garante o fluxo abaixo – está com 11% de sua capacidade. O período chuvoso está terminando e todos os usos na bacia, a não ser por um milagre da natureza, estarão comprometidos. Hoje o mar avança de 30 a 50 km São Francisco adentro, salgando as águas que abastecem a população ribeirinha de Sergipe e Alagoas. Se continuar nesse ritmo, em breve comprometerá a adutora que abastece Aracaju. O rio perdeu força, o mar avança.

O que tem salvado a população nordestina nesses 6 anos de seca foi a malha de pequenas obras hídricas, como as cisternas. Com essas tecnologias e outras políticas sociais vencemos a fome, a sede, a miséria, a migração, os saques e a mortalidade infantil. O IDH subiu em toda a região e o crescimento foi visível em relação a outras regiões do Brasil. Logo, não foi a grande obra. O paradigma da convivência com o Semiárido mostrou-se eficaz, enquanto o paradigma do combate à seca só encheu as burras dos coronéis.“

(Fonte: MALVEZZI, Roberto. Transposição, a hora da verdade). Disponível em http://robertomalvezzi.com.br/2017/03/06/transposicao-a-hora-da-verdade/ [Acesso em 20 mai 2018].

DA AGRICULTURA À AGROECOLOGIA:
PENSANDO OS SABERES E PRÁTICAS TRADICIONAIS

Memória do trabalho e Culturas agrícolas locais

Atualmente, verifica-se ao longo do Território Velho Chico, propriedades rurais, muita das vezes ocupadas com empreendimentos agropecuários que fazem o uso intensivo de máquinas, insumos e implementos (SEI, 2018).

Remonta à década de 1970 iniciativas de modernização na infraestrutura, através da construção de rodovias, como a BR 242, e pontes sobre o Rio São Francisco, instalação de projetos de irrigação, além de obras de urbanização. Essas ações, certamente, atraíram a dinamização de empreendimentos agrícolas comerciais, na medida em que favoreceram o processo de integração do território com outras regiões dentro e fora da Bahia. Em compasso com essas iniciativas, ampliou-se a urbanização em vários dos municípios que atualmente compõe o Território Velho Chico. Nesse contexto, a função de centro regional, antes ocupada por Barra, passou a ser desempenhada por Bom Jesus da Lapa (MDA, 2010).

Por certo, as convergências desses processos contribuíram para promover diversas transformações na paisagem. O fluxo dos rios e a vegetação sofreram alterações em função da introdução de projetos de irrigação e a ocupação do solo com pastagens e outras culturas agrícolas, trazendo, também, a desestruturação de modos de vida e de práticas no mundo do trabalho rural, antes ancoradas na tradição.

O abandono do plantio de arroz representa um caso de alteração da paisagem por causa do declínio do seu cultivo ou a expansão de outras culturas agrícolas. Na década de 1950, por exemplo, nos municípios de Barra, Bom Jesus da Lapa, Cariranha, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga e Riacho de Santana, o arroz se destacava, ao lado da produção de feijão, milho e cana de açúcar. Em alguns desses municípios, algodão, mamona, mandioca, fumo e a extração de cera de carnaúba, também assumia condição relevante (IBGE, 1958a; IBGE, 1958b).

Mas, dados de 2008 indicam que no Território Velho Chico a produção de arroz ocupou 45 hectares de área plantada, espaço extremamente inferior se comparado ao que foi ocupado por outras culturas agrícolas como feijão (20.845 Ha), milho (27.080 Ha), mandioca (14.860 Ha) e sorgo (13.730 Ha) (MDA, 2010).



Na verdade, ao analisarmos os dados correspondente ao período de 1960 à 2006, é possível identificar que, desde a metade do século passado, ocorreu um decréscimo significativo na área plantada de arroz em todo o estado da Bahia.

Tabela 1 - Área cultivada de arroz no estado da Bahia (1960-2006)

Ano	Tamanho da área de cultivo (ha)
1960	364.780
1970	35.423
1980	64.452
1985	64.191
1996	50.348
2006	14.954

Fonte: Censos agropecuários do IBGE(1960, 1970, 1980, 1995/1996 e 2006).

Em 2015, com relação à lavoura temporária, assumiu posição de destaque o sorgo, sendo o município de Muquém do São Francisco o principal produtor, dentre os dezesseis municípios pertencentes ao Território Velho Chico. Já o milho e a mandioca são lavouras temporárias cuja maior produção foi identificada em Bom Jesus da Lapa. E das lavouras permanentes, sobressaíram-se a tangerina e a banana, ocupando a posição de maior produtor, no Território Velho Chico, o município de Bom Jesus da Lapa, o qual se apresenta, também, entre os principais produtores dessas culturas agrícolas no estado da Bahia (SEI, 2018).

Mas é recente, no Território Velho Chico, o desenvolvimento de uma produção agrícola em larga escala voltada para o atendimento comercial de outras regiões. Como foi mencionado, na década de 1970, foram iniciadas ações de infraestrutura que favoreceram a expansão de uma agricultura comercial ao permitir uma maior integração do Território com outras regiões da Bahia e de outros estados também.

Anteriormente a esse período prevalecia a agricultura de subsistência, como nos informa Antonio Bertunes do seguinte modo: “(...) de primeiro sobrevivia da roça, colhia da mesma roça e alimentava da mesma roça. (...) E sobrevivia do peixe também, pegando o peixe e comendo” (ANTONIO BERTUNES, 2018). Plantava-se feijão de arranque, feijão de moita, milho, arroz, batata doce, abóbora e mandioca, da qual se produzia farinha e armazenava-a em pipas para atender o consumo da família durante o ano. A criação de animais, como porco, galinha e boi, suplementavam a dieta alimentar (ANTONIO BERTUNES, 2018; VAGNALDO SILVA, 2018).

Naquela época, a agricultura e a pecuária eram desenvolvidas a partir de técnicas e tecnologias tradicionais. Utilizava-se ferramentas artesanais, como o furão; o arado era movido por tração animal; não se fazia uso de adubos químicos; o plantio e a criação, também, eram realizadas em áreas não cercadas de uso coletivo. E, através de mutirões na lavoura, a solidariedade e a cooperação possibilitavam aumentar a produtividade, ao tempo que contribuía para reforçar os laços comunitários.

Mutirões



Adjunto, adjuntório, mutirão, boi de cova, boi de roça, batalhão. Essas são algumas das denominações que, Brasil afora, foram dadas para as práticas de trabalho coletivo e ajuda mútua entre camponeses para realizar a limpa, o plantio ou a colheita da lavoura (RÉDUA, 2007).

Cooperação, solidariedade e divertimento são componentes que constituem essas práticas, as quais se apresentavam como alternativa para ampliar a força de trabalho, para além da família, transformando-se em uma opção fundamental para assegurar a produção agrícola e, ao mesmo tempo, tornar lúdico o árduo trabalho na lavoura, em uma época em que as máquinas não eram empregadas ainda no campo.

Antonio Bertunes nos lembra de que em Paratinga, na segunda metade do século passado, os mutirões estavam presentes: “Naquela época fazia mutirão (...) os vizinhos sempre um ajudava o outro. (...) Tinha que colher o milho ou o arroz, aí ajudava uns aos outros a colher” (ANTONIO BERTUNES, 2018).

Quais expressões dos saberes tradicionais relacionados a agricultura você conhece? Pesquise em sua comunidade os nomes de técnicas e tecnologias da agricultura tradicional. Mas, enquanto isso, vamos conhecer algumas?

Glossário da agricultura tradicional

Cachear o arroz: Realização da colheita dos cachos de arroz.
Cerca de madeira em pé: Cerca edificada apenas com estacas e sem fazer o uso de arame.
Cerca de ramo de batum: Cerca feita com galhos.
Criar em voluto: Criação animal realizada em áreas de uso coletivo onde não há cercas.
Criação miúda: Refere-se a criação de animais de pequeno e médio porte, como galinhas, cabras e ovelhas.
Furão: Ferramenta feita de madeira, não muito grossa, cuja ponta é afinada para fazer cavidades no solo para que seja semeado.
Pipa de esteira: Recipiente fabricado a partir de fibras vegetais para armazenar produtos como farinha.
Plantar em voluto: Cultivo coletivo em áreas não cercadas.
Tombar a terra: Atividade de arar a terra, a partir do uso do arado movido por tração animal.

Fonte: BERTUNES, ANTONIO, 2018; SANTIAGO, LAURINO, 2018; SILVA, VAGNALDO, 2018; SOUZA, ZELMA, 2018.

O depoimento de Vagnaldo Silva informa que décadas atrás em Paratinga aconteciam com frequência os mutirões, indicando também que os laços de solidariedade na comunidade compensavam a limitação de braços e de recursos tecnológicos voltados para a produção agrícola: “As pessoas se reuniam em grupos e aí cultivava a roça do vizinho e depois ia pra outro. Isso era bem frequente na comunidade. O trabalho desenvolvia muito” (VAGNALDO SILVA, 2018).

Atualmente, a prática de mutirão na lavoura entrou em declínio. Para Antonio Bertunes, a mecanização agrícola contribuiu para que essa tradição não tenha sido mantida pelas gerações mais jovens. Em seu relato, ele traz a seguinte problematização:

> Os jovens hoje (...) já nasceram em um novo estilo, com outra orientação. Então não tá seguindo aquelas tradição que os velho fazia né. Também não pode nem seguir pela uma parte, porque as coisa mudou. E realmente, quem vai bater milho mais hoje na mão? Não vai. Quem vai plantar o milho mais no enxadão? Não vai, né mesmo. Porque hoje já tem as máquinas, já tem o trator que planta, já tem tudo. Então o povo desativou muitas coisas. Não é nem por vontade, porque tem que desativar mesmo (ANTONIO BERTUNES, 2018).

O declínio da prática de mutirões na lavoura da zona rural em Paratinga, certamente, não é um caso isolado. Cenário semelhante foi identificado no Território do Sisal e no Território Portal do Sertão, com relação a drástica diminuição de manifestações de trabalho coletivo, como as batas de milho e feijão, o boi de roça e o boi roubado, em função da perda da funcionalidade que elas possuem num contexto de mecanização da atividade agrícola e a associação destas expressões tradicionais ao atraso. Outro lado do avanço desse processo de modernização do campo é a fragilização dos laços de solidariedade nas comunidades camponesas e o comprometimento na transmissão de saberes tradicionais entre gerações, antes processado através da oralidade em meio às atividades cotidianas no mundo do trabalho rural (SANTANA, 2017).

Em sua comunidade existe ou existiam a prática de mutirões no trabalho da lavoura? Como eles são denominados? O que contribuiu para a sua permanência, ressignificação ou desaparecimento?

Descrição de um mutirão

”Originário dos tempos em que as máquinas não haviam chegado à roça, sequer o arado movido à tração animal era visto na região, os mutirões eram a alternativa para driblar a impossibilidade financeira de contratar mão de obra para a roçada, plantio e colheita de cereais. Esses mutirões ou batalhões, como também são chamados, representam um sistema de produção sertanejo que através da ajuda vicinal e recíproca possibilita a sobrevivência de pequenos agricultores de comunidades rurais isoladas e que ainda não tem acesso ao maquinário. Como forma de atenuar o árduo trabalho e transformarem arte e lazer o que poderia ser um fardo, os lavradores criaram o boi de roça, a música dos mutirões.

O boi de roça tem um ritual simbólico. Munidos com enxadas, ainda ao alvorecer do dia, o batalhão de agricultores chegam entoando seus cantos na propriedade do agricultor que será beneficiado, responsável pela alimentação e pela bebida. O explodir do foguete é o início simbólico da ação. Em seguida é feita a troca de bandeiras, o dono da roça recebe a bandeira branca trazida pelo batalhão e lhes dá a bandeira vermelha. Enquanto os homens trabalham na roça, as mulheres preparam a comida, que será servida e consumida coletivamente no próprio local de trabalho, numa lona estendida sobre o chão.

Ao final do dia, os lavradores novamente fazem a troca de bandeiras com os familiares do dono da roça. O “cantador de bandeiras” entrega a bandeira vermelha e recebe a bandeira branca, símbolo de gratidão por parte dos donos da propriedade. Não por acaso seu nome é “cantador de bandeiras”. Além da responsabilidade de fazer a troca de bandeiras, ele também entoará um cântico naquele momento.“

Fonte: SANTANA, Sandro Luiz Cardoso. Memória e esquecimento nos cantos de trabalho da Quixabeira. In Extraprensa: Cultura e comunicação na América Latina. São Paulo, Vol 10, No 02, 2017 (pg.9-10).

Agroecologia e Convivência /Resistência com/no semiárido

Sabe-se que o semiárido é caracterizado pela irregularidade pluviométrica, diante disso, não há como mudar essa realidade. É necessário se adaptar às condições que são oferecidas, até porque o "sempre árido" não vai mudar pelo simples fato de que queremos modificá-lo. Deste modo, salientamos a importância de conviver e resistir no semiárido.

Existem várias técnicas e tecnologias sustentáveis e de baixo custo para implantar nas propriedades rurais no período de chuvas para captar e armazenar a água, as quais chamamos tecnologias sociais. Dentre elas, podemos citar a hidroponia, irrigação com materiais recicláveis, barragem subterrânea, barragem calçadão, cisternas, entre outras. Entretanto, o acesso a estas tecnologias sociais ainda não é para todos (as), porque não encontramos essas tecnologias instaladas em todas as propriedades rurais.

Foto 1: Oficina de Hidroponia realizada por estudantes do CETEP de Ibotirama (BA)



Fonte: Iaçanan Carneiro, 2017.

A hidroponia, por exemplo, é uma prática ecológica caracterizada por cultivar as plantas dentro de uma estufa, sem utilização do solo. Com isso, as raízes ficam submersas em uma solução aquosa, sendo adicionados fertilizantes de uma forma balanceada.

No sentido desta convivência e resistência no semiárido, a agroecologia se propõe como um movimento e uma ciência que visa as práticas ecológicas, o bem estar do (a) agricultor(a) familiar, o meio ambiente no todo, eliminação da aplicação de adubos químicos, prática da agricultura orgânica, uso de técnicas em que não ocorram a poluição do solo, água, vegetação e ar, além da continuação e recuperação dos saberes tradicionais.

Na agroecologia as questões relacionadas ao convívio com o semiárido já estão bem definidas nas memórias das pessoas, já se tem o entendimento sobre o assunto, o que chamamos de práticas tradicionais ou ancestrais. Um está entrelaçado com o outro. Porém, para se obter um bom aproveitamento é necessário estabelecer planejamentos. Nesse sentido, é necessário “pensar a agroecologia no Semiárido, seja de que forma eu possa produzir usando o mínimo de água, ou preservando, potencializando a capacidade que a natureza já tem de armazenar água” (SANTOS, 2013). E que esse método (re) valoriza algumas tradições rurais, como a de troca de sementes entre agricultores/as.

Milho hidropônico na alimentação do gado

”A forragem hidropônica é um produto barato e oferece alternativa, para pequenos pecuaristas em regiões de estiagem, como no Nordeste. Em apenas um metro quadrado pode-se semear 2 kg de grãos. O alimento é barato e fácil de ser produzido. Em duas ou três semanas, 20 kg a 30 kg de forragem verde estão prontos para o consumo por bovinos, caprinos, ovinos.
(...)

O cultivo do milho hidropônico surgiu como mais uma alternativa para obtenção de volumoso de qualidade, com alto valor energético e proteico, para alimentação animal, por ser altamente palatável e atende às necessidades de manutenção do gado leiteiro com produção acima de 20 kg de leite por dia e gado de corte em regime de confinamento intensivo ou para cavalos de raça.

Também, serve como suplementação alimentar de aves, equinos, suínos, peixes, ovinos e caprinos. O sistema de produção pode ser usado em qualquer época do ano e em qualquer região do país. O milho hidropônico para forragem dispensa agrotóxicos, tem alta produtividade, ciclo curto e contínuo com resultado rápido. Essa rapidez torna o milho hidropônico uma excelente alternativa, especialmente nos períodos de seca prolongada, 35 dias após a semeadura o milho está pronto para ser fornecido aos animais. O sistema é simples e o custo de produção é baixo.“

Como Fazer

1º passo: As sementes são colocadas de molho na água, por 24 horas, para facilitar a germinação

2º passo: Após a limpeza da área demarcada, forra-se a área com uma lona dupla face, com a parte preta voltada para baixo, e distribui-se o substrato (bagaço de cana hidrolisado, palha de arroz ou feno picotado), até formar uma camada de dez centímetros.

3º passo: Em seguida, aplica-se a solução nutritiva (250g de super simples e 450g de calcário calcítrico), espalhando sobre ela oito quilos de sementes de milho, cobrindo-as com cinco centímetros de substrato. Nesse processo é necessário fazer a adubação e foliar com macro e micronutrientes quelatizados, depois de sete dias da semeadura, colocando 50 ml em 20 litros de água. Essa adubação deve ser repetida também no décimo dia. Todo o sistema é irrigado desde o primeiro dia, com 40 litros de água, sendo 20 litros pela manhã, e 20 à tarde, suspendendo esta irrigação, três dias antes da colheita. Com essa técnica, o milho hidropônico pode ser colhido em 15 dias, enrolado como se fosse um tapete, processado na forrageira para homogeneizá-lo, e, em seguida, misturado com o farelo de trigo ou soja, ficando, assim, pronto para ser fornecido aos animais.

Fonte: https://www.comprerural.com/milho-hidroponico-na-alimentacao-do-gado/Acesso em07 jun 2018.

Agroecologia, tecnologia e saberes tradicionais

A Agroecologia surge como um conjunto de conhecimentos, técnicas e saberes que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas. Ela consiste em uma proposta à agricultura familiar que agrega saberes populares e tradicionais aos conhecimentos das ciências naturais e sociais.

Desse modo, a Agroecologia articula todos os saberes e ciências com o objetivo de construir um conhecimento integrado acerca de diversos ecossistemas da natureza, respeitando a sustentabilidade dos ciclos naturais em compasso com a agricultura produtiva para produzir alimentos sem o uso de insumos químicos ou agrotóxicos.

Foto 2: Produção de composto agroecológico na EFASF em Paratinga (BA)



Fonte: Maria Aparecida Santiago, 2018.

As tecnologias usadas pelos agricultores são, em sua maioria, desenvolvidas pelos mesmos e não causam impacto ambiental. São tecnologias sociais e costumam ser repassadas para outros.

Os saberes tradicionais são conhecimentos repassados de pais para filhos, de geração em geração, e são eficientes. Podemos citar como exemplo de saber tradicional, a prática de colocar a cinza no armazenamento de sementes crioulas e tantas outras práticas.

Estudos, práticas e (des)envolvimento da apicultura no Território Velho Chico

A apicultura vem se destacando nos agroecossistemas de produção familiar no Território de Identidade do Velho Chico, promovendo a polinização de espécies agrícolas e nativas, sendo instrumento de diversificação produtiva, inclusão social e geração de renda. A apicultura é uma atividade que se encaixa perfeitamente com os preceitos agroecológicos. Neste sentido, concordamos com Freitas (1999) quando ele afirma que:

> As abelhas são importantes agentes de manutenção da biodiversidade, e podem ser indicadores biológicos do equilíbrio ambiental muito útil no esforço da conservação da biodiversidade e exploração sustentável do meio ambiente, podendo a própria apicultura constituir alternativas ecologicamente corretas e autossustentáveis de explorar ambientes naturais ainda não degradados, ou recuperar áreas ameaçadas de erosão genética.

A expansão local da prática da Apicultura é fruto de diversos fatores como: políticas públicas, flora apícola abundante, viabilidade técnica, custos de implantação e manejo economicamente viáveis, porém a assistência técnica ainda não contempla os (as) agricultores (as) locais de maneira satisfatória, em função do baixo número de profissionais e instituições que prestam essa assistência, além de falhas em algumas políticas públicas que, por vezes, fornecem recursos, materiais, mas não presta uma assessoria que promova a autonomia desses produtores.

A partir desse contexto, os estagiários do Lapprudes (Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial), por meio do Grupo de Pesquisas e Práticas em Apicultura e Meliponicultura (ApisMelipo) busca instrumentalizar, através da transferência de tecnologias, os apicultores dos municípios de Bom Jesus da Lapa, Paratinga e Serra do Ramalho.

O grupo de trabalho foi idealizado e criado em dezembro de 2015 por estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) – *Campus* Bom Jesus da Lapa/Ba, através dos estagiários Lapprudes, que por meio da extensão universitária tem realizado oficinas, minicursos e dias de campo, com o intuito de (des)envolver e promover a autonomia dos apicultores locais, com foco nos seguintes aspectos: planejamento, manejo apícola, técnicas de produção de rainhas por meio do método espanhol e alimentação energética e protéica. A equipe conta, atualmente, com oito integrantes dos cursos de Engenharia Agronômica e Técnico Integrado em Agroecologia. A equipe vem participando de diversos eventos técnico-científicos, cursos de formação, pesquisas de campo com apicultores e meliponicultores da região, com o intuito de se qualificar para promover extensão, contando com o apoio de entidades como a CODEVASF e Coopamesf. Dentre os avanços alcançados, destaca-se a implantação e manutenção do apiário e meliponário no Instituto, e contemplação em diversos editais de pesquisa e extensão.

Foto 3: Visita Técnica de estudantes da EFASF/Paratinga ao entreposto do mel na comunidade de Itapeba, em Ibotirama (BA)



Fonte: Maria Aparecida Santiago, 2018.

Atualmente, está em desenvolvimento um projeto de pesquisa voltado para a produção de abelhas rainhas, com uma metodologia que atenda o contexto dos apicultores locais pelo método espanhol, além de mais dois projetos que visam respectivamente a produção de colmeias alternativas de concreto e estudos de manejo de abelhas sem ferrão. O apiário possui quinze colmeias de Apismelífera para experimentos. Até o momento, foi realizado um minicurso para alunos dos cursos Técnicos em Agroecologia, Agroindústria e Agropecuária (modalidade Integrado, Subsequente e PROEJA) do IFBaiano - *Campus* Serrinha; Uma palestra para alunos da Escola Municipal São Francisco do Assentamento Agroextrativista São Francisco (Serra do Ramalho) e para alunos da Escola Municipal do Quilombo Pau D'arco e Parateca (Malhada). Além disso, realizou-se uma Oficina de Apicultura para representantes de Territórios Quilombolas do Território Velho Chico, Chapada Diamantina, Sertão Produtivo e Bacia do Corrente, durante o I Encontro Interterritorial Quilombola. Foi realizada nos dias 01 e 02 de maio de 2018 a realização de mais um minicurso e dia de campo de apicultura básica com produtores do município de Bom Jesus da Lapa. Após a conclusão dos projetos de pesquisas em execução, o grupo terá como atividade a formação continuada da equipe e um projeto de extensão para atender as associações do município de Serra do Ramalho-Ba.

Foto 4, 5 e 6 – Manejo e apiário institucional (Equipe Lapprudes)







Fonte: Equipe Lapprudes, 2017.

O apoio à atividades e grupos de pesquisa e extensão universitária tem um papel crucial para a aproximação dos Institutos Federais com as comunidades nos territórios, onde os mesmos estão inseridos, para a integração dessas instituições com as teias produtivas, de modo que os atores sociais possam promover debates e ações para o desenvolvimento local. No contexto da apicultura é necessário um enfoque de estudos da dinâmica produtiva, apiflora, técnicas e manejo no que se refere às especificidades locais do território a nível acadêmico.

Mulheres Quilombolas e Agroecologia

Desde muito tempo, as mulheres negras vêm exercendo um papel muito importante na sociedade, no entanto, sabe-se que, historicamente são excluídas e limitadas a ocupar espaços e adquirir direitos. Direcionando a discussão para as mulheres quilombolas do rural, a questão se torna muito mais agravante. A luta pelo acesso à terra e o enfrentamento diário ao machismo, além da subjugação da figura da mulher Preta, tudo que é imposto de forma colonizadora por esse sistema subalternizador, transforma a vida das mulheres quilombolas em uma constante luta por liberdade e justiça social, pautada numa concepção agroecológica.

A Agroecologia também é tida como conhecimento que proporciona base científica e não cientifica para apoiar o processo de transição para uma agricultura sustentável e sustentada nas diversas manifestações e/ou denominações, onde o principal indicador seja o bem estar da população, e não a produção econômica. Esta, também nos traz a valorização das ruralidades, a reciprocidade, realidade, compreensão, particularidades dos grupos sociais, igualdade geracional e de gênero, propícia assunção de papéis sociais, valoriza as construções socioculturais em suas dinâmicas contemporâneas, estimula a formação ao consumo consciente e sustentável, além de inserir nos espaços da educação no/do campo.

Observado os dados do Relatório Socioeconômico da Mulher (RASEAM, 2014), percebe-se que as mulheres camponesas não estão inseridas no ranque das pessoas com trabalho formal. As mulheres inventaram não somente a agricultura, mas também agroecologia, sendo um dos trabalhos mais importantes para a sobrevivência da humanidade, pois ninguém vive sem alimentação. Elas constroem, assim como suas mães e avós que as praticavam mesmo sem saber este nome. Mas foi a resistência delas, juntamente com as comunidades, que garantiu a permanência da diversidade de sementes e práticas que hoje permitem compartilhar e difundir essa ciência, que não é somente uma alternativa de produção, mas uma escolha de vida inclusiva, sustentável, economicamente viável e socialmente justa.

É preciso denunciar o controle das sementes pelas transnacionais e os transgênicos. Muitas comunidades quilombolas vêm sendo induzidas a utilizarem sementes externas que chegam das diversas formas. Isso dificulta a potencialização dos conhecimentos tradicionais que ao longo do tempo vem garantindo a sustentabilidade das famílias.

O conceito de agroecologia toma forma na luta, na resistência e alternativas das pessoas que a constrói e a consideram como um modo de vida territorial. Assim, os movimentos que fazem parte deste processo trazem seus aportes, como as mulheres quilombolas estão fazendo em seus territórios e em suas comunidades, no intuito de que um dia essa pequena parte faça a diferença para que a sociedade se torne melhor. Por isto, não faz sentido o discurso de que enfrentar a desigualdade de gênero sem o foco da agroecologia, isto seria restringir a mesma em mero conjunto de técnicas fechadas e com necessidade de uma delimitação.

As mulheres quilombolas investem na agroecologia, porque este conhecimento vem sendo repassado há muito tempo e muitas possuem um traquejo indiscutível na hora da prática. É muito importante trazer para esse relato os critérios que não se referem somente a dinheiro, pois valorizamos o autoconsumo e o fato dos familiares se alimentarem a partir dessa atividade, e também contribuírem para o desenvolvimento da economia solidária. Para, além disso, ainda tem as ervas medicinais que são cultivadas em áreas coletivas e nos próprios quintais. Desta forma, visamos o autoconsumo, mas também queremos renda.

Mediante a tudo que foi pontuado, chegamos à conclusão de que a educação deve assumir o compromisso de pautar esse processo histórico. Essas comunidades devem ser como ponto prioritário pra construção do saber e entendimento da civilização brasileira e, para isso, é preciso abordar, contar a história não somente da comunidade, mas também das mulheres. A participação de todas elas na luta para o reconhecimento do território do povo quilombola, bem como das terras tradicionais, precisa ser enaltecida dentro dos espaços acadêmicos. Sendo assim, os encontros, oficinas, seminários e palestras realizadas pelas Escolas Família Agrícola-EFA, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia -IFS, são extremamente importantes no sentido de formar e informar, não somente estudantes, mas toda população interessada numa sociedade mais justa e igualitária.

Território, identidades, culturas e diversidades

Território e identidade

O território pode ser entendido como resultado e condição das relações sociais e que envolve relações de poder em suas múltiplas dimensões (Saquet, 2011; Raffestin, 2010), compreendendo as relações econômicas, políticas e sociais entre os diferentes atores. Nesse sentido, tem como características o conflito, a luta, a resistência e a negociação. A territorialidade expressa essa dinâmica, processo, relações e práticas estabelecidas no território e que resultam em seu movimento de des-re-construção.

Enquanto política implementada pelo governo federal, a partir de 2003, o território abarca quatro dimensões importantes:

a) **Econômica:** capacidade de inovar, de diversificar e de usar e articular recursos locais para gerar oportunidades de trabalho e renda, fortalecendo as cadeias produtivas e integrando redes de pequenos empreendimentos.

b) **Sociocultural:** maior equidade social graças à participação dos cidadãos e cidadãs nas estruturas do poder, tendo como referência a história, os valores e a cultura do território, o respeito pela diversidade e a melhoria da qualidade de vida das populações.

c) **Político-institucional:** institucionalidades renovadas que permitam o desenvolvimento de políticas territoriais negociadas, ressaltando o conceito de governabilidade democrática e a promoção da conquista e do exercício da cidadania [Conselho de Desenvolvimento Territorial].

d) **Ambiental:** compreensão do meio ambiente como ativo do desenvolvimento, considerando o princípio da sustentabilidade e enfatizando a ideia de gestão sustentada da base de recursos naturais, assegurando sua disponibilidade (MDA/SDT, 2005).

Essas dimensões dão sentido à ideia de território de identidade enquanto espaços articulados com identificação sociocultural e de projeto de desenvolvimento. De modo geral, a ideia de identidade configura-se nos elementos agregadores do território e de sua coletividade, mas esse processo de identificação guarda intrinsecamente a expressão de sua diversidade. São, portanto, a história dos grupos e espaços sociais, as expressões culturais e artísticas, modos de viver e produzir a vida, os valores, tradições e memórias que sintetizam a singularidade do diverso. Embora essa dimensão social e cultural tenha sido pouco visibilizada nas políticas territoriais enquanto produtora e retroalimentadora de novos sentidos, processos e valores territoriais, é importante tencioná-la para a re-significação das lutas sociais, da reinvenção dos processos democráticos e a garantia dos direitos sociais e o respeito à diversidade, princípios fundamentais para a construção de outro projeto de sociedade.

Fotos 7 e 8: Grupos de Dança Afro e de Capoeira do Quilombo do Tomba - Paratinga (BA)





Fonte: Iaçanan Carneiro, 2017.

Poesias

Ao apresentarmos abaixo as produções artísticas dos sujeitos do Território Velho Chico, buscamos na arte, principalmente na poesia, uma janela aberta para contemplar e interpretar o viver e produzir dos povos da água e da terra, permeando suas singularidades e aquilo que é universal.

O que será apresentado é uma mostra da percepção artística, através da linguagem poética, acerca do Território e dos elementos representativos na formação identitária, os quais pululam no imaginário social, nas manifestações da tradição e inúmeras práticas sociais.

Desse modo, as poesias a seguir funcionam como testemunhos do tempo presente, ao traduzir representações de anseios, valores e formas de viver e estar no mundo. Além disso, também é um convite para uma imersão no conteúdo poético, de maneira que permita a reflexão sobre questões prementes para a Juventude, como educação, gênero, raça, classe e sexualidade.

Apresentando o Território Velho Chico

Autor: Cléber Eduão

Foi das margens do rio Opará
Entre secas e algum chuvisco
"Nasceu" Brotas, Muquém do São Francisco
"Brotou" Barra, Brejinhos, Morpará
Serra do Ramalho tem seu lugar,
Malhada e o Riacho de Santana,
Paratinga, Matina, Ibotirama,
Feira da Mata e a Igaporã,
Bom Jesus - estrela da manhã,
Sítio do Mato, Carinhanha.
Nas entranhas do Velho rio
Percorre o suor do ribeirinho
E essas águas lavam com carinho
O vapor que aportou sem assobio
Deságua no mar com todo brio
Vai levando a esperança "bêradeira"
E as linhas que tecem a guerreira,
Mulher que nasceu da força bruta
São feitas com fios de amor e luta
Bordadas pelas mãos de uma parteira.
Barra é bem perto do Piauí
E traz nos brejos a cor do sertão.
Os folguedos belos do São João
Misturam-se ao cozido de cari.
É em Barra que o Chico sempre ri
Pois abraça o Grande abençoado.
Os palácios e igrejas do passado
Referências de encantada arquitetura,
O artesanato é o brilho da cultura
Que veste os feirantes no mercado.
Muquém é de águas franciscanas,
Lugar de bons solos e rebanhos.
Quem planta sonhos colhe ganhos
E a festa? Se dá numa semana.
Das palhas do milho de Santana
As mulheres produzem sustentos.
Tem a aldeia Kiriri; assentamentos
Quilombos com sambas e reisados.
Tudo isso se mistura aos caldos
Das culturas – "torés" de sentimentos
A harmonia da viola é a cura
Que transborda no rio de Ibotirama
E por essas e outras tem a fama
De "cidade-canção", céu de candura.
Recanto de amor à literatura.
Rebentos de poesias, contos, prosas.
Os Reizinhos, Curutas e Barbosas
Que diariamente surgem no cais,
Embelezam com magia os festivais
Qual jardim se enfeita com as rosas.
A pequena montanha de Morpará
É palco que se vê de toda parte,
É cenário das Sementes da Arte
Singelas belezas do lugar.
A cidade é banhada pelo "rio-mar",
São Francisco de remansos, coroas,
Das rimas, dos rumos e das canoas,
Da pesca, dos cantos da lavadeira
Das danças, dos sambas, da capoeira
Do São Pedro: festa que não desentoa.
Por cima da Pedra do Urubu
Dá pra ver os riachos e paisagens,
Quedas d'águas que parecem miragens,
Na seca reina o mandacaru.
Na chuva florescem pés-de-umbu
E enverdece a porteira da chapada.
Brotas das rezadeiras encantadas
Do divino, das novenas e dos cantos
De Zequinha Barreto e Milton Santos
Das missas, procissões e alvoradas.
Berço de cachoeiras e caminhos
De fundos de pastos e campestres,
De sítios com desenhos rupestres,
Com histórias de garimpos e espinhos.
O município de Oliveira dos Brejinhos
Orgulha-se dos seus poetas e quintais,
Dos festejos dos grupos tradicionais,
Dos caprinos - "vivedores" da caatinga,
Da água tão docinha da moringa,
Da arte em madeira ou minerais.
Paratinga em mês do carnaval
É período de desfile e tradição,
Transforma o espetáculo de São João
Em um imenso celeiro cultural.
Tem filarmônica, mercado municipal,
Ruínas de uma igreja abandonada,
Rodas de São Gonçalo, marujada,
A boa música do Zabumba Alecrim;
A sonhada moqueca de surubim;
A cachaça artesanal e a cavalhada.
Banhado por dois rios iluminados,
Sitio do Mato é terra de boa gente,
Abraça o São Francisco e o Corrente,
Com muitos pescadores e assentados.

"Narradores de Javé" foi bem filmado,
Com atuação de atores da Gameleira...
Procissões na semana da Padroeira,
São costumes que o povo todo crê.
Os dias do Candeeiro e do Saber,
Referendam a cantiga "bêradeira".
Santuário da fé e romarias,
Brilha forte Bom Jesus da Lapa,
E de cima da Gruta vê-se um mapa
Multicor, "samba-dores" e alegrias
Quilombos de lendas e cantorias,
De versos de uns "nobres barranqueiros".
Da Ilha do Medo – o canoeiro
Rema nas maretas da inspiração.
Nas barrancas do "porto solidão"
Florescem as canções do "violeiro".
O arraial de Riacho de Santana
Foi aldeia dos índios Canindés,
Os quais deixaram a cor, a fé,
E "multiculturas superbacanas".
O cuidado é virtude de quem ama
O Boqueirão, a "Barragem do Giral",
A cachoeira que deságua do "Perau",
As quermesses, a religiosidade,
A semana de cultura da cidade
E os bovinos pastando no quintal.
A cachoeira que deságua do "Perau",
As quermesses, a religiosidade,
A semana de cultura da cidade
E os bovinos pastando no quintal.
Santo Antônio, São Pedro e São João
São santos que "reinam" em Igaporã.
Os ternos de reis de Guarantã
Fazem pulsar bem forte o coração.
Em Gurunga e Sambaíba, a superstição
Mistura-se aos contos e aos mitos.
O teatro amador é tão bonito.
O rio Barbalho é quase um "mar".
Há figuras tão belas feito Osmar,
Benés, Gandaias e Expeditos.
Dizem que o nascimento de Matina
Foi no raio de um "velho Tamarindo",
Que "Caído" se fez, mas é tão lindo
Patrimônio histórico que ensina.
João Barrada - estrela que ilumina,
Repentista certeiro e criativo.
Eliézio é um poeta bem cativo.
As quadrilhas juninas alegram o povo
E a Pedra do Tapuia e Sítio Novo
Fazem o passado sempre vivo.

O município de Serra do Ramalho
É como um grande assentamento.
E das agrovilas cultiva os alimentos:
Mandioca, feijão ou milho-alho.
Tem a força da raiz do carvalho,
A poesia de Haurélio bem rimada,
O gado, o vaqueiro, a vaquejada,
A banda de pífano, o Pankarú
- Índio que não deixa o corpo nu
Mas mantém a memória preservada.
Antiga casa de índios caiapó,
Nas margens do rio Carinhanha,
Uma cidade pequena e de tamanha
Riqueza cultural não se fez só,
Cresceu sem as amarras ou cipós,
Adoçada ao sabor da rapadura,
Temperada pela mandiocultura
E com uma pinga que não maltrata.
Da Boca da Gruta Feira da Mata
Mostra ao Velho Chico sua cultura.
Carinhanha resulta da mistura,
De índios caiapós, negros e brancos
Nas palavras sábias do homem franco:
"Foi o caldo que deu cheiro a fervura".
Desenhou e esculpiu tantas figuras:
Artesãos, literatos, cantadores,
Instrumentistas, atrizes, atores,
O Pontal e o Riacho da Caatinga,
Caboclos que espantam as mandingas,
Reisados que expulsam os dissabores.
De Carinhanha a vila desmembrada
Firmou-se cidade em pouco tempo.
E a mágica fiel do casamento
Uniu Minas Gerais com a Malhada.
Travessia de vaqueiros, boiadas,
De grupos da cultura popular,
Do Rio que não para de passar,
Cheio de curimatãs e dourados,
Das rezas, dos "cocos" e dos bordados,
Lagoa do Mocambo pra nadar.
Em cada ilhota uma Maria,
E em cada uma cidade um Chico.
Tem tanta gente pobre, têm os ricos...
Se são muitos os acres, poucos "Bias".
Pois a sede dos nobres não sacia,
Mas vontade do povo não se acaba,
É por isso que a luta não desaba
E a cada minuto se expande!
Feito "Senzala & Casa Grande"
Uma margem mansão, a outra "taba".

Quais elementos da paisagem no Velho Chico são descritas na poesia? Você reconhece esses elementos no lugar onde você mora? Você se identifica com algum desses elementos? Como se desenvolveu esse processo de identificação?

Carranqueiro

Autor: Josemário Fernandes

Venho lá das entre serras
Onde o belo horizonte
Canastra minha jornada
Que jorra lenda da fonte
Tenho muito pra contar
Tem coisa de arrepiar
Estória feita ao monte.

Já dizia seu Francisco
Que na beira deste rio
Tem coisa do encantado
Que chega dar arrepio
No tempo da profundeza
Que água na correnteza
Afundava em seu brio...

D'outrora, trago saudade
Esculpida na madeira
Entalhada na lembrança
Minha vida carranqueira
Eu fiz dela profissão
Pra não morrer em vão
Essa lenda brasileira.

No pé de banco da crôa
Sentado em sua barranca
Armei o meu artesanato
Pra vender minha carranca
Tenho ela de todo jeito
Toda linda, sem defeito
Preta polida, cor branca.

Tem que parece você
Do sorriso desdentado
Do tipo bafo de onça
Do olho esbuguelado
Dente de amarrar tripa
Do beiço de pregar ripa
Do olho todo remelado.

Tem do dente de vampiro
Cavalo que nunca manca
Do pescador de salário
Que não conhece carranca
Do contador de estória
Que parece um caipora
Que mente com toda panca.

Tem a espanta puxa saco
Que combate mal olhado
A que desmancha macumba
A que escorraça veado
Pra longe da armadilha
Onde fica a matilha
Do bicho homem malvado.

Tenho carranca seu moço
Que afugenta ladrão
Que espanta embusteiro
E também transposição
Que defende a natureza
Com a valente certeza da revitalização...

Quais lendas sobre o Rio São Francisco estão presentes na memória social em sua comunidade e têm sido transmitidas de geração em geração através da oralidade? Que tal registrá-las e socializar com sua turma?

Saudades do meu jatobá

Autores: Reginaldo Pereira, Marcelo Nunes, Jerri Nunes e Cleber Eduão

Os beirais agora secos
Não tem mais canoeiros
Nem meninos beiradeiros
Nem a lua quer brilhar
Lavadeiras, carrancas choram e
meu pé de jatobá
Piabas estão sumindo
Peixe grande se acabou
Tanta perda tanta dor
Oh meu Deus o que é que há
Agora só resta mesmo...

Como as mudanças na paisagem são percebidas por você e outras pessoas na sua comunidade? Como essas mudanças são lembradas? Ocorreram transformações no cotidiano a partir das alterações na paisagem? Quais espécies vegetais nativas você conhece e quais não são mais facilmente encontradas na região? Quais usos eram ou ainda são feitos dessas espécies nativas?

História da EFASF

Autoras: Micaély Suares e Vanessa Santos
(Estudantes da EFASF- Paratinga)

A escola surgiu em 14 de março de 2016. Ela foi fundada por dois sonhadores, e desejando que a Escola Agrícola do município, Edino de Souza Lima, representante do Movimento CETA, e Maria Aparecida Vieira Santiago, coordenadora da EFASF. Foi um sonho que eles sempre quiseram e que hoje foi realizado.

Quando os estudantes chegaram ao local da escola, pensaram que seria adequada e com estrutura completa, mas, viram que era tudo diferente e logo perceberam que iriam passar por muitas dificuldades e enfrentar muitos obstáculos que viriam pela frente.

A sala de aula ainda estava em acabamento, os dormitórios não tinham cama o suficiente para todos estudantes. A alimentação era pouca, os pais dos educandos que ajudaram muito nessa jornada. Muitos de nossos colegas pensaram em desistir e outros chegaram a desistência, por acharem que a escola não iria evoluir e não teria bons resultados lucrativos para o futuro.

Muitos foram influenciados por conversas de terceiros. Pessoas falavam que tudo isso era ilusão e fizeram muitos de nossos colegas desistir de um futuro brilhante que viria pela frente.

Quero dizer a todos os meus colegas que chegaram até aqui e estão até agora, acreditem em si próprio e não se deixem levar por conversas de terceiros, pois sabemos que a luta não é fácil, e que, apesar de tudo, devemos seguir e não olhar para trás.

Se hoje cada um de nós estudantes chegamos até aqui é porque esperamos algo melhor para o futuro e que lá na frente seremos bons Técnicos em Agropecuária.

A escola iniciou com uma turma e hoje se encontra com duas, graças ao desempenho da escola, de Edino e Maria Aparecida que saíram pelas cidades em busca de novos estudantes, ano que vem a escola receberá uma nova turma e queremos que cresça mais, pois temos muitos jovens que andam em caminhos perdidos, sem rumo. E essa foi uma benção de Deus para tirar a maioria dos jovens desse caminho. Falo para as pessoas que hoje estão aqui, se tiverem vontade de vim para a escola venham, pois aqui vai se sentir bem e isso valerá a pena.

Chegamos ao final de mais um ano e aqui queremos agradecer, primeiramente, a Deus, por ter dado vontade de continuar, força para seguir e esperança para acreditar. Em segundo, queremos agradecer a Edino e Maria Aparecida por terem acreditado em nós estudantes, pois não é fácil lidar com jovens e vocês acreditaram em nosso potencial. Queremos, principalmente, agradecer aos nossos colegas por terem andado juntos nessa jornada, e vamos continuar mais dois anos seguidos nesse rumo até a conclusão do curso.

Agradecer, também, a todos os pais por terem acreditado em seus filhos, pois não é fácil deixá-los por quinze dias em uma EFA. Vocês são batalhadores e sempre colaboraram para a construção da escola.

Queremos agradecer a todos os professores, por terem paciência nesses dois anos, por abrirem mão de muitas coisas para estarem aqui passando um pouco de seus conhecimentos para nós alunos. Um dia cada um de nós irá olhar para trás e lembrar de cada sorriso dado, de todas as confusões bobas, as reclamações, das dificuldades vividas e termos o objetivo de formar cidadãs e cidadãos capazes de vencer cada obstáculo de nossas vidas e lá na frente teremos um futuro brilhante em que um dia possamos dizer que somos Técnicos em Agropecuária, lembrarmos sempre que, apesar de tudo, de ser uma escola diferenciada, somos uma família e sempre devemos ser unidos uns aos outros, enfim quero agradecer a todos aqui.

LUTANDO PARA VENCER

Como é a trajetória da Escola Família Agrícola (EFA) no Brasil? Quando começou a sua atividade? Quais contribuições da EFA para os povos do campo e agricultura familiar camponesa?

Anthonny Giddens enxerga a Modernidade como um fenômeno de dois gumes. As instituições sociais modernas criaram a oportunidade para os seres humanos desfrutarem de uma vida segura e confortável e esse aspecto de oportunidade sempre foi mais fortemente enfatizado pelos fundadores clássicos da sociologia, como Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber. Contudo, a Modernidade gerou diversos efeitos indesejáveis, tais como: o trabalho industrial moderno, que, para além de submeter os homens à disciplina de um trabalho maçante e repetivo, apresenta um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente; os totalitarismos, que pareciam ser pertencentes ao passado (...) como demonstram os episódios do Holocausto, do Fascismo e do Stalinismo; a industrialização da guerra, refutadora da tese durkheimiana de que o industrialismo geraria uma ordem industrial pacífica e integrada. Acrescenta Giddens que os pensadores sociais também não puderam prever a invenção do armamento nuclear. O mundo moderno é, assim, repleto de perigos. Essa constatação tem contribuído para a perda da crença no progresso e, por consequência, para a dissolução de narrativas da história. (FACCI, Lucio Picanço. Confiança e Modernidade: Uma abordagem sociológica. Revista EMERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 58, p. 236-246, abr.-jun. 2012)

Gratidão

Autoras: Micaély Suares e Vanessa Santos (Estudantes da EFASF- Paratinga)

É fim de mais uma jornada que passamos juntos e, de repente, a gente começa a pensar, o que fizemos durante todo esse percurso? Se erramos, se aprendemos, se acertamos, se ajudamos, se reclamamos ou julgamos. São dúvidas que cada um de nós temos, mas tenho certeza de que cada um sabe o que fez, o que faz e o que está fazendo agora.

Você já parou para pensar se tudo que tem feito foi certo? Bom, se não, pare, pense. Reflita e faça diferente, pois o tempo passado não volta, não iremos voltar para concertar o erro feito. As palavras más ditas, os preconceitos ditos que podem ter magoado muitas pessoas. E ai, você já pensou nisso? Muitas vezes falamos coisas sem pensar, agimos de forma brusca e acabamos machucando o próximo, sem ao menos pedirmos desculpas, pedirmos perdão. E quando você parar para perceber poderá ter perdido aquela pessoa.

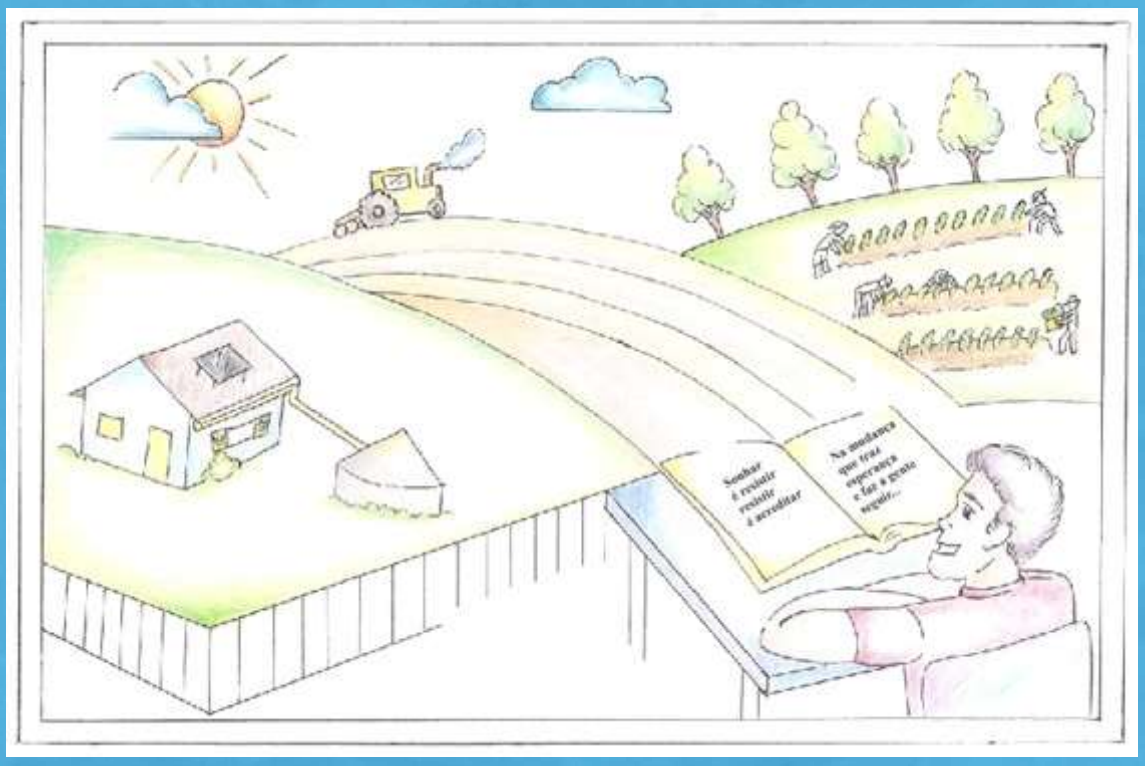
Nisso, ficará se lamentando o tempo perdido e será tarde demais. Por isso, quando der vontade faça, viva o hoje sem pensar o amanhã, ame, perdoe, amadureça, floresça, agradeça pelo bom e pelo ruim, pelos sins e pelos nãos e por todas as suas vitórias, pelas vezes que você fracassou, magoou, pelas pessoas que, com tanta sabedoria e generosidade, o destino colocou no seu caminho, só para que você pudesse crescer, aprender, evoluir com elas, por elas, e apesar delas. Gratidão: É essa palavra que todos os dias nos faz recordar o real sentido da vida, saber que, apesar dos pesares, dos percursos, das pequenas vitórias e derrotas de cada dia, seja grato com o próximo. Dê valor aos que estão ao seu lado, porque existe quem realmente se importa, quem realmente te ama, quem realmente está com você, pra você e com você, hoje, agora e sempre, pois com a união fazemos a força.

Quer um conselho? Chegou a sua hora, a vida passa rápida demais, no final de tudo você, certamente, vai se perguntar se esteve para o outro, se fez a diferença na vida do outro, se esteve ali, com a presença efetiva, o coração aberto e compaixão.

No final de tudo, você, certamente, vai se perguntar se viveu, se amou, se foi importante de viver para um final que você nem sabe quando será, recomece agora, faça o que tiver que fazer agora. E se for para pedir ajuda peça, pedir ajuda não é sinal de fraqueza, muito pelo contrário, o mundo carece de gente que reconhece o valor da humanidade e abrace a vulnerabilidade sem medo do que os outros vão pensar ou falar a respeito. Seja humilde, não precisa carregar o peso do mundo nas costas. Aprenda dividir também.

Dialogando com os textos acima, reflita sobre quais valores considera que são necessários para o fortalecimento dos laços sociais e comunitários onde você vive.





Sonhar é pensar em horizontes possíveis e alimenta muitas lutas dos sujeitos do campo. Dialogue com outros jovens e pessoas da comunidade sobre a relação entre sonhos e lutas e com qual(is) dessa(s) luta(s) você se identifica ou está engajado.

Preconceito

Autora: Vanessa Santos(Estudante da EFASF- Paratinga)

O preconceito sempre existiu,
Desde o tempo mais antigo,
No mundo todo tem pessoas,
Que sofrem com esse perigo
Comigo sempre ocorre isso.

Tem preconceitos de toda a forma,
Com raça, com rico e o pobre,
Com a religião, a sexualidade,
E até com o anão,
Aonde vai parar esse mundo,
Com essa discriminação?

Preconceito é um conceito
Que sempre está crescendo
Isso, vem da alma,
Quando do amor se esquece,
Não podemos tolerar essas dores
Que tanto nos entristecem.

No relacionamento existe isso,
Casal gay e lésbica, se é
Amor pra que tanta rejeição
Se somos todos iguais temos
É que respeitar e tirar essa
Hipocrisia do coração.

Quando o negro foi trabalhar
Foi chamado atenção, por
Sua cor de pele sofreu discriminação
O branco foi pra frente o trazer
Propriedade sentiu desilusão.

Temos que aprender uma coisa
A lição da tolerância pois,
Se todos somos iguais
Não é raça, ou sexo
Que dá mais importância

O importante é saber
Que quando há reflexão
O preconceito se destrói
E o coração ficar limpo
Sem nenhuma magoação.

O preconceito hoje em dia é crime
A pessoa que pratica
Está sujeita a punição
Como teremos paz no coração
Se não amamos nossos irmãos,
Cuidado com a discriminação

Sou estudante da EFASF
Lá tem Negros e brancos
Até aqueles que ficam no canto
O colégio é muito bom demais
Existir preconceito que abala
A alma do sonhador.

Depende da cor da pele
Pra mim tudo é normal
Seja branco, seja preto
Isso não é racial
Não importa o que seja
Você é especial

O racismo é feio
Todos somos humanos
Cada qual do seu jeito
E juntos todos vamos
Tirar isso do Brasil
Conforme vem os anos.

Finalizo este cordel pedindo a todos
Que estão aqui que pratica preconceito
Tenha mais paz na alma e no coração
Respeite cada um com são para que
Amanhã passamos ser respeitados
Para acabar com essa praga
Que causa depressão.

O Brasil que eu quero

Autora: Vanessa Santos (Estudante da EFASF- Paratinga)

O Brasil que eu quero
Livre de corrupção
Com mais hospitais
Para a população

O Brasil com saúde
Igualdade e união
Onde todos possam ter
liberdade
Para obter educação

Que os pobres saiam da miséria
E trabalhar para ter um tostão
Conseguir seu próprio alimento
Para viver com emoção

Queremos um Brasil
Cheio de paz e amor
Com muita economia
Para o povo sonhador.

Que projeto de sociedade precisamos pensar e construir para o Brasil? Lembremos que a luta por direitos sociais deve estar pautada no fortalecimento no Estado de direito e na garantia de serviços públicos de qualidade. Isso dá uma boa roda de conversa. Vamos lá?

Referências

ALCÂNTARA, Denílson Moreira de & GERMANI, Guiomar Inez. Fundo de Pasto: Um conceito em movimento. In: ANAIS do VIII Encontro Nacional da ANPEGE 2009. Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Setembro / outubro de 2009; Curitiba – Paraná. Disponível em https://geografar.ufba.br/sites/geografar.ufba.br/files/geografar_alcantaragermani_fundopasto_conceitoemmovimento.pdf [Acesso em 25 mai 2018].

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Relatório Anual Socioeconômico da Mulher. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, março de 2015. 181p.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Tecnologias africanas no Brasil. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

EDUÃO, Cleber. Apresentando o Território do Velho Chico. InEDUÃO, Cleber; SOUSA, Isabel de Jesus; SANTOS, Raquel Novais dos. Contribuição para alfabetização de jovens e adultos. Caderno Didático I Território do Velho Chico. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus,2012.

FACCI, Lucio Picanço. Confiança e Modernidade: Uma abordagem sociológica. Revista EMERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 58, p. 236-246, abr.-jun. 2012)

FREITAS, B. M. A vida das abelhas. Craveiro & Craveiro – UFC, Fortaleza, 1999 (Livro em CR-ROM).

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Certidões expedidas a Comunidades remanescentes de Quilombos (CRQs) atualizada até a Portaria No 122/2018. Disponível em http://www.palmares.gov.br/quilombo/uploads/2015/07/crqs-26-04-2018.pdf[Acesso em 24 mai 2018]

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. História, Região e Globalização. Belo Horizonte: Autêntica Editora,2009.

HENKES, Silviana Lúcia. A política, o direito e o desenvolvimento: um estudo sobre a transposição do Rio São Francisco. Revista Direito GV. São Paulo 10(2) | P. 497-534 | JUL-DEZ 2014. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v10n2/1808-2432-rdgv-10-2-0497.pdf [Acesso em 20 mai 2018].

IBGEa. Enciclopédia dos municípios brasileiros. IBGE, volume XX. Rio de Janeiro, 1958.

IBGEb. Enciclopédia dos municípios brasileiros. IBGE, volume XXI. Rio de Janeiro, 1958.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Plano Territorial de Desenvolvimento Sustentável do Velho Chico. 2ª edição. Bahia, Novembro de 2010. Disponível em http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio102.pdf [Acesso em 20 mai 2018].

_____. Marco referencial para apoio ao desenvolvimento de territórios rurais, 2005.

RAFFESTIN, Claude. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In: PEREIRA, S. R.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. C. (orgs). Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais. São Paulo:Expressão Popular, 2010.

RÉDUA, Wagner César. Mutirões do Triângulo Mineiro: Trabalho, música, alegria e festa no mundo rural. Cadernos de Pesquisa do CDHIS — n. 36/37 — ano 20 — p. 133-142 — 2007

RIBEIRO, Carolina Silva & OLIVEIRA, Gilca Garcia. Poder político e propriedade da terra no território do Velho Chico, Bahia. Revista Brasileira de Ciência Política, nº17. Brasília, maio - agosto de 2015, pp. 179-207. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n17/0103-3352-rbcpol-17-00179.pdf [Acesso em 26 mai 2018].

SANTANA, Sandro Luiz Cardoso. Memória e esquecimento nos cantos de trabalho da Quixabeira. In Extraprensa: Cultura e comunicação na América Latina. São Paulo, Vol 10, No 02, 2017. pp. 195-209. Disponível em http://www.revistas.usp.br/extraprensa/issue/view/9894 [Acesso em 01 jun 2018] .

SANTOS, Solon Natalício Araujo dos. A ocupação do sertão das Jacobinas. In SANTOS, Fabricio Lyrio (Org). Os índios na história da Bahia. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SANTOS, Kátia Silva de Souza & SANTOS, Carlos Alberto Batista. Aspectos socioambientais da pesca artesanal no Submédio São Francisco. Anais do II Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA2_ID2287_23102017235039.pdf [Acesso em 26 mai 2018]

SAQUET, M. A. Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SEI - SUPERINTENDENCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA. Anuário Estatístico da Bahia2016. Salvador: Publicações SEI, 2017.

_____. Perfil dos Territórios de Identidade da Bahia. Salvador: Publicações SEI, 2018.

SOUZA, Regina Celeste de A. & RAMOS, Alba Regina Neves Ramos. Rio São Francisco: Cultura, identidade e desenvolvimento. In Revista de Desenvolvimento Econômico. Ano XII. Ed. Esp. Dezembro de 2010, Salvador, BA.

Fontes orais

BERTUNES, AntonioLuis. Entrevistado por Maria Aparecida Vieira Santiago em 25 de abril de 2018.

SANTIAGO, Laurindo Ferreira. Entrevistado por Maria Aparecida Vieira Santiago em 27 de abril de 2018.

SILVA, Vagnaldo. Entrevistado por Maria Aparecida Vieira Santiago em 25 de abril de 2018.

SOUZA, Zelma. Entrevistada por Maria Aparecida Vieira Santiago em 27 de abril de 2018.